

MAG MAGRELA E NINA PANDOLFO: O GRAFITE COMO EXPRESSÃO DO EMPODERAMENTO FEMININO

Adriana Santana da Silva¹

Roberta Coitinho²

Ricardo Henrique Ayres Alves³

RESUMO

Este artigo analisa obras de Mag Magrela e Nina Pandolfo, artistas renomadas no âmbito do grafite nacional, a partir de uma perspectiva de gênero. O grafite, arte urbana em ascensão, espelha as vozes de comunidades urbanas ao redor do mundo. Apesar do crescimento do movimento, a presença feminina ainda é desproporcionalmente baixa, enfrentando desafios ligados à marginalização e ao sexismo (LOPES, 2018). As trajetórias das artistas são diferentes, mas a análise de seus trabalhos revela proximidades que demonstram como a arte urbana pode promover a inclusão, a valorização da diversidade e o fortalecimento das mulheres na sociedade. Ao examinar a participação de Magrela e Pandolfo no grafite, busca-se reconhecer o potencial transformador desta arte à luz do empoderamento feminino.

Palavras-chave: Mag Magrela, Nina Pandolfo, grafite, empoderamento feminino.

MAG MAGRELA AND NINA PANDOLFO: GRAFFITI AS AN EXPRESSION OF FEMALE EMPOWERMENT

ABSTRACT

This article analyzes the works of Mag Magrela and Nina Pandolfo, renowned artists in the field of national graffiti, from a gender perspective. Graffiti, a rising urban art, mirrors the voices of urban communities around the world. Despite the growth of the movement, the female presence is still disproportionately low, facing challenges linked to marginalization and sexism (LOPES, 2018). The artists' trajectories are different, but the analysis of their work reveals similarities that demonstrate how urban art can promote inclusion, the appreciation of diversity and the strengthening of women in society. By examining Magrela and Pandolfo's participation in graffiti, we seek to recognize the transformative potential of this art in the light of female empowerment.

Keywords: Mag Magrela, Nina Pandolfo, graffiti, female empowerment.

1 Pedagoga, com Licenciatura em Letras/Inglês pela Unisantos. Especialista em Artes pela UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia e Direito Educacional pela Unifran. Está finalizando a Pós-graduação em Arteterapia pela Censupep e atualmente cursando a Pós Graduação em Altas Habilidades/Superdotação pela UNESP. E-mail: drysantanasilva@gmail.com.

2 Bacharela em Fisioterapia pelo Centro Universitário Metodista - IPA. Especialização em Artes pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Possui especialização em Musicoterapia pela Faculdade Regional de Ciências e Filosofia de Candeia - FAC-BA, atuando na área de doenças mentais e saúde do idoso. Especialização em Fisioterapia Respiratória pela FAVENI. Especialização em Educação Musical pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS. Dedicar-se à integração entre as artes e a saúde para promover novas possibilidades terapêuticas e proporcionar experiências personalizadas para grupos e indivíduos. E-mail: robertacoitinho26@gmail.com.

3 Doutor e mestre em Artes Visuais, na área de concentração em História, Teoria e Crítica de Arte (PPGAV/UFRGS), e Bacharel em Artes Visuais (FURG). É professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), historiador da arte e artista visual. É autor do livro Miasmas e metáforas da aids nas Artes Visuais (Ed. da FURG, 2021). E-mail: ricardohaa@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar as obras e perspectivas das artistas grafiteiras Mag Magrela e Nina Pandolfo, que têm se destacado pela sua atuação neste segmento artístico, enfrentando e superando barreiras de gênero. A metodologia a ser abordada será qualitativa, analisando as representações visuais em seus trabalhos a partir da sua inserção no espaço urbano, onde se desenvolvem atividades artísticas transgressoras predominantemente masculinas.

Assim, a presente pesquisa apresenta procedimentos de cunho bibliográfico, pois foram analisados materiais como livros, documentários e entrevistas sobre as artistas e, ao mesmo tempo, emprega como método a análise das imagens para compreender os discursos apresentados nas obras das artistas. A combinação das habilidades e experiências das autoras do presente artigo, como musicoterapeuta e arteterapeuta, traz um olhar enriquecedor para a pesquisa sobre mulheres no grafite. Tanto a musicoterapia quanto a arteterapia têm sido amplamente reconhecidas como poderosas formas de expressão e transformação pessoal para mulheres, desempenhando papéis significativos na promoção do bem-estar emocional, da autoestima e da resiliência em diferentes contextos terapêuticos (GOMES *et al.*, 2023).

Ao explorar a participação e a representatividade das mulheres no mundo do grafite, busca-se também reconhecer e destacar o potencial transformador dessa forma de arte como uma ferramenta de empoderamento feminino. A relevância acadêmica deste estudo reside na compreensão da importância da inclusão das vozes femininas no universo do grafite, proporcionando *insights* importantes sobre as lutas, os desafios e os triunfos das mulheres nesse meio, enriquecendo o debate acadêmico e cultural.

O papel da mulher na arte

Historicamente, o cenário do grafite brasileiro foi um espaço majoritariamente masculino, refletindo uma tendência global da cultura de rua. Nas últimas décadas, as artistas mulheres têm ganhado destaque e vêm reafirmando suas presenças - que sempre existiram no meio artístico -, mas que durante muito tempo foram omitidas ou distorcidas mediante estruturas sociais que limitaram a visibilidade das mulheres nas artes.

O ensaio "Por que não houve grandes mulheres artistas?", escrito por Linda Nochlin (2016) há mais de 50 anos, questiona as estruturas sociais que limitavam as oportunidades das mulheres no meio artístico. A pergunta do título é respondida pela análise de que foi o meio social e não a falta de talento que não permitiu a existência de grandes mulheres artistas. Nochlin destaca em sua teoria a construção mitológica do 'artista gênio', um ser com talento inato, precoce e dotado de autenticidade e criações inéditas, sempre um homem. A reflexão proposta sobre essa ideia de genialidade artística é que ela desconsidera as relações sociais e estruturas patriarcais que possibilitaram que esses "grandes artistas" conseguissem reconhecimento, relegando a mulher a uma falsa condição de falta de talento ou aptidão artística.

Existiram muitas artistas mulheres em diferentes períodos históricos. As violações e proibições que elas sofreram, como a proibição de se matricularem nas academias e a obrigação social de se dedicar exclusivamente aos cuidados domésticos e familiares, mantêm muitos nomes ainda não revelados ou conhecidos do público, assim como impediram seu desenvolvimento pleno. No entanto, algumas artistas marcaram suas obras de maneiras inusitadas: Clara Peeters (LES, 2017) incluiu pequenos autorretratos nos reflexos dos objetos que compunham suas naturezas-mortas, e Plautilla Nelli (NELSON, 2008), reconhecida como a única mulher a pintar uma Última Ceia no contexto do renascimento, inserindo acima da sua

assinatura a inscrição em latim “Orate pro pictora” (“Orai pela pintora”). Esses são apenas dois exemplos de artistas negligenciadas pela narrativa histórica, mas que perpetuaram aspectos de suas existências nas obras que produziram.

A história da arte vem sendo repensada e reavaliada em diferentes aspectos para incluir e reconhecer inúmeros trabalhos de muitas grandes artistas mulheres que existiram ao longo do tempo. Mag Magrela e Nina Pandolfo são duas artistas do meio urbano brasileiro, mulheres cisgêneras e brancas, que atuam a partir da capital paulista, conhecidas por suas contribuições para a visibilidade da arte de rua no cenário nacional. Um longo período separa mulheres artistas do passado e do presente. No entanto, talvez possamos pensar que a força e a resistência feminina de outros tempos tenham contribuído para podermos reconhecer a potência de trabalhos artísticos de mulheres do tempo presente.

Gayle Rubin (2017), ao definir o sistema de sexo/gênero identifica nesse conceito a percepção de que aspectos generificados estão atrelados diretamente à noção de sexo, e que nesse sentido, a estrutura da sociedade coloca as mulheres, e aqueles com características ditas femininas, como inferiores ao masculino. É a partir do seu entendimento estrutural das questões de sexo e gênero na sociedade ocidental que entendemos a continuidade da invisibilidade das mulheres na história da arte e o momento contemporâneo, onde as mulheres do presente conseguem pautar sua realidade, e as do passado tem sido revisitadas.

É o caso de Nelli, pintora autodidata renascentista e freira num convento em Florença, que efetua talvez uma reivindicação feminista pioneira no mundo da arte com sua inscrição em latim, em um contexto predominantemente masculino: “orem pela pintora.” Alguns séculos depois, Mag Magrela também fará uso da inscrição “Presente” em uma de suas obras, manifestando uma posição contra a invisibilidade das violências sofridas por mulheres em tentativas recorrentes de apagamento histórico. E, se Peeters se camuflava em suas naturezas-mortas como uma forma de ser vista de forma indireta, Nina Pandolfo propõe uma leitura onírica de diferentes aspectos das relações humanas através do olhar direto do espectador para suas obras. Os tempos mudaram, algumas conquistas foram feitas, mas algumas lutas permanecem.

Mag Magrela

Mag Magrela nasceu na cidade de São Paulo em 1985. É uma artista no mundo do grafite, cuja jornada criativa e compromisso com o empoderamento feminino têm deixado uma marca indelével na cena artística urbana. Seu nome é sinônimo de expressão autêntica e questionamento social por meio de sua arte provocativa. A trajetória de Mag Magrela também é marcada pela exploração de autoconhecimento, comunidade e da capacidade transformadora da arte (MAGRELA, 2023).

Desde o início de sua carreira Magrela demonstrou uma notável dedicação à sua forma de expressão artística. Sua jornada começou com uma crise existencial em sua juventude, aos 23 anos, quando estava em busca de um propósito significativo em sua vida. Foi nesse momento de incerteza que ela redescobriu sua paixão pelo desenho e, posteriormente, pelo grafite (MAGRELA, 2017). Na busca por sentido e autenticidade, aprimorou suas habilidades em oficinas artísticas e encontrou uma comunidade de mentes criativas que compartilhavam sua paixão.

As obras de Mag Magrela são conhecidas por retratarem mulheres em situações de vulnerabilidade, frequentemente explorando temas ligados ao feminismo e às experiências das mulheres na sociedade contemporânea. Sua arte oferece uma voz poderosa que desafia as normas e os estereótipos de gênero. Ela utiliza seu talento para dar vida a narrativas visuais que abordam questões profundas e muitas vezes

negligenciadas, fornecendo uma plataforma para discussões importantes sobre igualdade de gênero e empoderamento (MAGRELA, 2023).

Além disso, Mag Magrela encontra inspiração em sua cidade natal, São Paulo, um ambiente muitas vezes descrito por ela como “seco de sentimentos”. Para a artista, a cidade é uma fonte constante de desafios e influências, que moldam sua arte de maneira única. Seu trabalho não se limita a decorar muros; ao contrário, busca questionar a cidade, seu modo de vida e as complexidades da existência urbana (MAGRELA, 2013).

A obra “Eu resisto” (fig. 1) é um mural criado pela artista em 2020, situado na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, número 54, no centro histórico de São Paulo. Esta criação é um componente destacado do projeto #TarsilaInspira, uma instigante iniciativa que convida artistas mulheres a reinterpretar a rica herança artística da renomada pintora modernista brasileira Tarsila do Amaral. Realizada por meio do projeto MAR (Museu de Arte de Rua), a obra se estende ao longo da fachada lateral do edifício, em uma dimensão impressionante de 96 x 15 metros quadrados, transcendendo os limites convencionais da expressão artística urbana (MAR360, 2023).

Figura 1: “Eu resisto”, Mag Magrela, São Paulo, 2020



Fonte: <https://www.instagram.com/magmagrela/> Acesso em: 11 jul. 2023.

O mural apresenta um ser feminino em cima de uma superfície de cimento em processo de deterioração. Conforme indicado pela própria artista, essa superfície simboliza as ideias e as normas sem sentido que prejudicam as pessoas e que precisam ser desfeitas. A personagem adota uma postura expressiva, utilizando as mãos de maneira a simbolizar a genitália feminina, numa clara alusão ao mudra Yoni⁴. Para a artista, essa representação vai além da mera capacidade de gerar seres humanos, abrangendo também o poder que as mulheres detêm para conceber e dar vida a projetos e ideias (SESCPQDOMPEDRO, 2020).

A palavra “presente” inscrita no peito, acima dos seios, simboliza a importância de viver o momento e presta uma significativa homenagem à ativista Marielle Franco. Segundo a artista, essa homenagem reflete um compromisso com a luta pelos direitos das mulheres e a resistência contra as injustiças (SESCPQDOMPEDRO, 2020). Essa demonstração de apreço mostra o papel importante que a arte pode desempenhar na conscientização social.

A estética singular desta obra também nos desafia a pensar sobre estereótipos e ressalta a relevância do empoderamento feminino ao ocupar espaços que antes eram predominantemente masculinos. Segundo a artista, quando mulheres retratam outras mulheres, destacam geralmente a humanidade, evitando a padronização do corpo, e optam por retratar o corpo feminino em sua pluralidade (SESCPQDOMPEDRO, 2020). O grafite de Mag Magrela pode ser interpretado como um poderoso grito de liberdade, uma declaração enérgica de que as mulheres têm o direito legítimo de ocupar e transformar os espaços urbanos, reconfigurando assim as narrativas tradicionais da arte de rua (MAGRELA, 2023).

A obra "Axexê" (fig. 2), foi realizada no ano de 2014 no MAAU (Museu Aberto de Arte Urbana) que está localizado nas pilastras do metrô na Avenida Cruzeiro do Sul em São Paulo (MAGRELA, 2021). Segundo a artista, a obra revela-se como um poderoso veículo de expressão que evoca temas intrincados e profundos relacionados ao renascimento, morte, caminho e escolha.

Figura 2: "Axexê", Mag Magrela, MAAU, Avenida Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2014.



Fonte: <http://magcrua.blogspot.com/> Acesso em: 11 jul. 2023.

A temática de renascimento e morte na obra pode ser interpretada como uma representação simbólica das transformações que as mulheres experimentam ao longo de suas vidas. O buraco no peito de uma das mulheres pode ser visto como uma metáfora da vulnerabilidade, da dor emocional ou das cicatrizes que as mulheres podem carregar. Ao mesmo tempo, o caminho desenhado dentro desse buraco pode representar a jornada de autodescoberta e cura. Essa representação sugere que, mesmo nas situações mais difíceis, as mulheres têm a capacidade de renascer, crescer e se curar.

A presença do caminho na obra pode ser interpretada como uma alusão ao poder de escolha e autodeterminação das mulheres. Ele pode representar a importância de traçar seu próprio caminho na vida, fazendo escolhas significativas para elas. Isso se relaciona diretamente com o empoderamento feminino, pois destaca a ideia de que as mulheres têm o direito e a capacidade de tomar decisões que afetam suas vidas e seus destinos.

A representação de duas mulheres encostando as cabeças uma na outra pode ser vista como um símbolo de acolhimento e sororidade entre as mulheres. Essa conexão sugere a importância das mulheres se apoiarem umas às outras em suas jornadas de autodescoberta, superação de desafios e busca por empoderamento. A obra pode ser vista como um lembrete de que o fortalecimento das mulheres frequentemente ocorre quando elas se unem e compartilham experiências.

Ao analisar as obras da artista Mag Magrela, percebemos que ela opta por retratar mulheres em

perspectivas complexas e elaboradas, pois não se limita a capturar apenas a forma física, mas também busca transmitir a complexidade emocional da experiência feminina explorando a nudez como uma afirmação genuína feita por mulheres. Utilizando sua habilidade artística, ela constrói uma narrativa visual que ressoa com a jornada feminina, desde suas vulnerabilidades até sua resiliência e força.

Nina Pandolfo

Nina Pandolfo é natural de Tupã, no interior de São Paulo, mas paulistana desde sempre. Ela se intitula artista – não somente artista plástica ou grafiteira – pois gosta de transitar por todas as artes. Quando era criança, se encantava com livrinhos de desenhos aquareláveis, ou com as imagens sorridentes que a irmã mais velha desenhava em seus cadernos de poemas. A vontade e o prazer em desenhar e pintar são lembranças de uma trajetória que tem início na infância, em diferentes experimentações artísticas. Caçula de 5 irmãs, sempre traz em seus relatos a relevância do universo feminino decorrente das experiências diversas no núcleo familiar. Na adolescência, começou a fazer teatro de rua e passou a ver o cenário urbano de uma forma diferente: se a rua era usada como um suporte para o teatro, por que não ser usada como um suporte para pintar também?

A década de 90 foi fundamental para consolidar o grafite como uma forma de arte legítima. O grafite começou a se espalhar por toda a cidade de São Paulo, e muitos artistas foram influenciados pela estética do hip hop e do rap, incorporando elementos do estilo na arte de rua; diferentes espaços públicos eram escolhidos para serem grafitados (muros, viadutos, trens, túneis) o que ajudou a democratizar a arte e tornar o grafite uma parte integrante do cenário urbano da cidade. Para Gitahy (1999, p.74), o grafite:

[...] dialoga com a cidade, na busca não da permanência [...], mas de expansão, da arte que exercita a comunicação e faz propostas ao meio, de forma interativa. As cidades não são só o suporte, mas os tons das tintas e os movimentos todos do surpreendente imaginário humano.

A busca por diferentes superfícies, por suportes diversos, por uma constante renovação em relação a descobertas de técnicas, materiais e tintas foi o que levou Nina Pandolfo a conhecer o grafite e querer aprender cada vez mais sobre ele. Ao cursar o colegial técnico em Comunicação Visual, o grafite passa a fazer parte da sua rotina, num cenário onde a presença masculina era a maioria, e a ascensão do grafite emergia frente à urgência de produções que expressassem diferentes opressões e mazelas sociais. Suas meninas meigas, de olhos grandes e delicados, e os diferentes elementos femininos de suas obras, não encontraram espaço e reconhecimento a princípio:

Comecei a grafitar no meio de um bando de homens, e daí começou a vir sutilmente comentários assim, porque eu não entrei no grafite do universo hip hop, não vim do universo hip hop onde a maior parte dos grafiteiros estava pintando b-boys, letras word style (que são as letras com flechas, que uma entra na outra). Eu tinha este trabalho muito feminino, muito menina, muito bichinho, borboletinha, rosinha e alguns meninos falavam assim: vai pintar escolinha, o que você faz não é grafite (...) (SÉRIE CADA VOZ, 2020).

Seus trabalhos ficam divididos entre as ruas e as telas, e em 1999 Nina participou de sua primeira exposição de arte: a coletiva “Um minuto de silêncio”, realizada na Funarte, em São Paulo. Depois disso, seu sucesso viajou pelo mundo, passando por países como Alemanha, Japão, Estados Unidos, Inglaterra, entre

outros.

Em 2008, houve um episódio emblemático envolvendo a remoção de um painel de 680m² no viaduto Jaceguai, na região central de São Paulo, por orientações da lei Cidade Limpa. O antigo mural havia sido feito em 2002 pelos grafiteiros Otávio e Gustavo Pandolfo (Os Gêmeos), Nina Pandolfo, Nunca, Herbet e Vitche. A ação gerou discussões sobre a preservação da arte de rua e a necessidade de encontrar um equilíbrio entre a expressão artística e a gestão do espaço público. Após grande repercussão, a Prefeitura de São Paulo autorizou uma nova pintura, mas foi a Associação Comercial de São Paulo que patrocinou a obra. No novo mural participaram os quatro primeiros artistas mencionados e foram convidados outros dois: Zefix e Finok. O documentário “Cidade Cinza”, oferece uma visão plural da concepção de arte urbana, envolvendo diferentes ações e opiniões sobre esse episódio notório na cidade de São Paulo. Nina Pandolfo relata:

Eu acho que você estando na rua, você tem um poder bem grande de poder falar com todas as pessoas independente da classe social, independente da vida cultural que essa pessoa tenha, ou não. Você pode falar tanto coisas positivas quanto coisas negativas. Eu acho que é uma arma muito forte, porque ela trabalha com imagem, e a imagem é uma linguagem direta; você não tem que parar para escutar, você vê, viu ... já entrou na sua mente e inconscientemente a mensagem vai entrar, tipo mensagem subliminar. Acho que é muito forte a mensagem na rua (CIDADE CINZA, 2013).

Nina sempre enfatiza que “[...] o artista se coloca em suas obras”, e ela ressalta que os olhos grandes, as cabeças proporcionalmente destacadas, e outros detalhes como “morder o canto do lábio” são características suas, reveladas em diferentes trabalhos na sua trajetória profissional. Os principais elementos visuais de seus grafites são figuras de meninas com grandes olhos expressivos, numa dualidade entre inocência e sensualidade. No trabalho conjunto do polêmico painel repintado (fig.3), os olhos realçados convidam o espectador a notar os detalhes, os espelhamentos, as nuances diversas que se entrelaçam com diferentes elementos imagéticos que representam a natureza em delicadas *performances* com passarinhos, borboletas, flores, árvores que se renovam, num ciclo constante de emergir da terra e demonstrar conexões. A mãe Terra pulsa em elementos femininos que instigam a pensar na fertilidade, na renovação e na presença atemporal, com tramas de fios que sugerem que tudo está ligado. As imagens estão inseridas em um contexto fantástico com múltiplas possibilidades de preenchimento dos desenhos, feitos em parceria. Nesse cenário, a obra propõe uma experiência visual, com percepções individuais, incluindo o olhar da figura central que funciona como um espelho para a própria obra, ou como as percepções da própria artista diante da proposta artística, ou como um deleite visual para o espectador, confirmando o que diz Giovannetti (2011, p.86):

[...] o modo como lemos o grafite é influenciado pelo contexto social e histórico de cada um de nós e pelo aprendizado após anos e anos de contato cotidiano com o próprio fenômeno.

Fig. 3: Obra sem título, Nina Pandolfo, Viaduto Jaceguai 1212, República, São Paulo, 2008.



Fonte: <https://www.ninapandolfo.com.br/> Acesso em: 02 set. 2023.

A trajetória profissional de Nina Pandolfo é um reflexo dos percalços e desafios enfrentados por diversas artistas mulheres em busca de visibilidade e valorização. Desta forma, o estilo lúdico e onírico em suas obras pode trazer indagações plausíveis acerca do empoderamento.

“Empoderamento” refere-se ao processo ou resultado de dar poder, autoridade ou capacitação a indivíduos e grupos, especialmente em contextos de promoção de igualdade de gênero, participação cidadã e reconhecimento de direitos. O conceito de poder pode ser visto de diferentes formas; na definição de Hannah Arendt (2016, p. 60):

[...] O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido [...].

O empoderamento feminino através da arte do grafite é uma expressão poderosa, pois contribui para a representação positiva de figuras femininas fortes e inspiradoras em suas obras, oferecendo modelos a serem seguidos para outras mulheres e meninas. O grafite permite que mulheres ocupem fisicamente espaços públicos historicamente dominados por homens; isso desafia as normas de gênero e reivindica o direito das mulheres de se expressarem em ambientes urbanos. As narrativas femininas, com abordagens de questões de igualdade de gênero, direitos pleiteados e conquistados e, ainda, a violência no passado e atualmente são temas recorrentes nas obras expressas no cenário urbano através do grafite. Muitas artistas trabalham em colaboração com projetos que envolvem outras mulheres e a comunidade em geral, e isso fortalece os laços sociais, promove a solidariedade feminina, inspira a diversificação do cenário artístico e propicia diálogo e conscientização pública mais ampla sobre os desafios enfrentados pelas mulheres, enaltecendo a importância do empoderamento feminino. De acordo com Joice Berth (2019, p.91):

Nesse sentido, inspirados em Freire, hooks, Collins, Davis, Batliwala, partimos daqueles e daquelas que entendem empoderamento como a aliança entre conscientizar-se criticamente e transformar na prática, algo contestador e revolucionário na sua essência. Partimos de quem entende que os oprimidos devem empoderar-se entre si e o que muitos e muitas podem fazer para contribuir para isso é semear o terreno para tornar o empoderamento fértil, tendo consciência, desde já, que, ao fazê-lo, entramos no terreno do inimaginável: o

empoderamento tem a contestação e o novo no seu âmago, revelando, quando presente, uma realidade sequer antes imaginada. É, sem dúvidas, uma verdadeira ponte para o futuro.

Desta forma, há um diálogo possível entre o “novo” e o “futuro”. Nina afirma em diversas entrevistas o quanto as pessoas apontam muitos de seus trabalhos como “infantis”, ao que ela responde que uma de suas intenções é justamente “tocar na criança que existe dentro de cada adulto”. Em 2021, Nina doa um mural grafitado para o Lar das Crianças da CIP, em São Paulo:

Fig. 4: Lar das Crianças, São Paulo, 2021



Fonte: <https://www.ninapandolfo.com.br/> Acesso em: 02 de set. 2023.

Nina relata que a ideia central do painel foi ter um ser formado de várias cores (simbolizando os educadores e as pessoas que fundaram o projeto) e que através do olhar dessas pessoas, as crianças estão saindo com um balão como ferramentas para sonharem, lutarem e voarem como jovens e adultos que têm uma estrutura como o Lar das Crianças para as ampararem e encaminharem a um futuro com mais condições de sucesso. Novamente vemos que o caráter lúdico da obra ganha novas nuances conforme os detalhes explicitam significados como conscientização de direitos, educação inclusiva, incentivo à autoestima, formação de redes de apoio e fortalecimento de uma educação mais igualitária e equitativa. De acordo com Joice Berth (2019, p.47):

Agentes de mudanças externas podem ser catalisadores essenciais, mas a dinâmica do processo de empoderamento é definida pela extensão e a rapidez com que as pessoas mudam a si mesmas. Isso significa que, se os governos capacitam as pessoas, elas se fortalecem, dessa forma, os governos não empoderam as pessoas; as pessoas empoderam-se. Assim, o que as políticas governamentais e ações podem fazer é criar um ambiente favorável ou agir como uma barreira ao processo de empoderamento.

Na exposição “Aos nossos olhos”, Nina relata as diferentes menções e experiências dos espectadores diante das obras expostas. Adultos e crianças têm histórias e vivências diferentes e ao olhar para as imagens constroem significados diferenciados também; aos adultos, a percepção pode ocorrer por um viés malicioso e às crianças, a percepção se dá em uma perspectiva atravessada pelo encantamento. O olhar lúdico da criança percebe inúmeras possibilidades e significados nas doces meninas de olhos grandes e expressivos. E sobre isso, Nina Pandolfo sintetiza talvez uma grande parte do seu pensamento sobre arte: “[...] você vai ver o mundo conforme aquilo que está cheio dentro de você. Isso vai passar para os seus olhos. E é assim

na arte também.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das obras de Mag Magrela e Nina Pandolfo revela não apenas o poder transformador do grafite, mas também destaca a evolução do papel das mulheres na arte ao longo do tempo. Enquanto em épocas passadas as mulheres encontravam expressão em espaços fechados e principalmente através da pintura em telas, hoje, artistas como Magrela e Pandolfo desafiam os limites ao ocupar espaços urbanos dominados por homens, transformando muros e fachadas de prédios em telas vivas que contam histórias de vulnerabilidade, resiliência, feminismo e sororidade.

Ambas as artistas também incorporam a nudez e assimetria dos corpos femininos em suas obras. Nina Pandolfo enfatiza os olhos de suas personagens, conferindo-lhes um olhar expressivo e talvez lacônico, enquanto Magrela retrata suas figuras com delicadeza, destacando a desproporção corporal e explorando detalhes anatômicos com foco nos órgãos genitais das personagens. Ao retratar mulheres dessa maneira, essas artistas introduzem uma abordagem diferenciada à nudez, humanizando as figuras femininas a partir de seus processos de criação e estilos desenvolvidos ao longo da carreira.

É importante reconhecer que o campo do grafite ainda enfrenta obstáculos significativos relacionados à desigualdade de gênero. O baixo número de mulheres envolvidas em comparação com homens revela que há um longo caminho a percorrer para alcançar uma representação equitativa no mundo do grafite. Portanto, o estudo e a celebração do trabalho de Magrela e Pandolfo não deve ser apenas um tributo à sua arte, mas também um apelo à promoção da inclusão e igualdade de oportunidades para todas as mulheres que buscam fazer ouvir suas vozes nas ruas e muros das cidades.

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah. **Sobre a violência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.
- CIDADE cinza. **Cidade Cinza**. Direção de Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo. São Paulo: Sala 12, 2013. 1 DVD (80 min).
- ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Série Cada Voz: Nina Pandolfo**. Youtube, 2 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qaF4Xo2nzhA&t=299s>. Acesso em: 02 setembro de 2023.
- GIOVANNETTI Neto, Bruno Pedro. **Graffiti: do subversivo ao consagrado**. 2011. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-152024/pt-br.php>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- GOMES, V. A. S.; GOMES, T. C. M.; SILVA, E. M. F. da; SILVEIRA, M. da C.; ARAÚJO, V. R.; DAMASCENO, P. R.; SILVA, P. V. M. da. A arteterapia e musicoterapia como recursos psicopedagógicos: os benefícios da intersectorialidade na qualidade de vida dos idosos que vivem em um lar filantrópico no Oeste do Pará. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 12, n. 6, p. e8212642079, 2023. DOI: 10.33448/rsd-v12i6.42079. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/42079>. Acesso em: 12 jul. 2023.
- NELSON, Jonathan K. **Plautilla Nelli (1524-1588)**. The Painter-Prioress of Renaissance Florence. Florença: Syracuse University in Florence, 2008.
- LES Gonzalo, Paula. Clara Peeters o el negocio de silenciar a las silenciadas. **Filanderas**, Revista Interdisciplinar de Estudios Feministas, Zaragoza, Espanha, n. 2, 2017, p 85-88. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/475392>. Acesso em: 13 jul. 2023.

LOPES, Marina Ferreira Belo; LOPES, Juliana Mendonça; CÂMARA, Rafael Santos. **MULHERES, ARTE E ESPAÇO PÚBLICO: UMA REFLEXÃO SOBRE O ATIVISMO ARTÍSTICO FEMININO**. PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade, v. 2, n. 7, 2018.

MAGRELA, Mag. **Instagram**, 2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/magmagrela/>> Acesso em 11 julho2023

MAGRELA, Mag. **Mural Eu Resisto de Mag Magrela**,2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MFy211bPtAw&t=7s>. Acesso em: 27 set. 2023.

MAGRELA, Mag. **Página Um**, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Njdgk9crnRs>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MAGRELA, Mag. **Sampa Graffiti**, ep.16, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeYgM9iAH2s>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MAGRELA, Mag. **Sesc Taubaté**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UffGmXC1zN0>. Acesso em: 11 jul. 2023

MAGRELA, Mag. **Tv Cultura**, parte 1, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Xtj6EZrg3c>. Acesso em 11 julho2023

MAGRELA, Mag. **Tv Cultura**, parte 2, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ui89TAXoji8>. Acesso em: 11 jul. 2023.

MAR 360°, **Museu de Arte de Rua de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://acessibilidade.mar360.art.br/obra/eu-resisto/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SESCPQDOMPEDRO, **Sesc Parque Dom Pedro II**, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9jYEkyT_os. Acesso em: 17 de out. 2023.

METRÓPOLIS. **Nina Pandolfo**. Youtube, 3 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iMljoDoZTcw&t=62s>. Acesso em: 02 set. 2023.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PROGRAMA AMAURY JR. **Nina Pandolfo**. Youtube, 18 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Eyag7yMVUVY&t=210s>> Acesso em: 02 setembro de 2023.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.